

AZEVEDO, Mário (org.), *Homem: Origem e Evolução*, Ed. Glaciar, Lisboa 2015; 280 pp.; ISBN: 978-989-8776-21-1.

O que é o Homem? Desde os primórdios da Filosofia distinguiu-se a natureza do ser humano da dos outros animais, no entanto, o desenvolvimento científico recente deslocou o problema da enumeração do que os diferencia para o a compreensão do que os aproxima. É, pois, com coerência e um acerado sentido crítico e autocrítico que os autores reunidos neste volume escrevem sobre os antepassados biológicos do homem, a origem e evolução da espécie, a cultura e a biologia, a ética. O volume é, simultaneamente, uma homenagem ao Professor Doutor Germano da Fonseca Sacarrão (1914-1992), Catedrático de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A primeira parte, intitulada «Os Acontecimentos do Homem e a Origem da Linguagem», inclui 4 artigos.

Catarina Casanova («Primatas como Nós», pp. 35-72), introduz uma ideia comum aos artigos consequentes: a comparação das espécies mais próximas de nós (os primatas) para explicar os nossos comportamentos sociais (pp. 35-36). Casanova apresenta uma breve história dos primatas desde da sua origem (90-50 M.a.), passando pelos primeiros hominídeos bípedes (ex: *Sahelanthropus tchadensis*), que surgiram no final do Miocénico, até aos primatas contemporâneos. Das observações destes primatas, surgem casos curiosos como a utilização de ferramentas pelos orangotangos Pongo, a desmitificação da agressividade dos gorilas (p. 56) e a possibilidade de poderem, entre eles, «formar laços de parentesco e de amizade que duram décadas, às vezes toda uma vida.» (p. 60). Estudando, estas características, deduz-se que a proximidade comportamental não é assim tão divergente e, de facto, o ser humano apresenta «muitas das características presentes nos restantes primatas» (p. 61).

Luís Vicente («Origens e Evolução da Linhagem Humana», pp. 73-125), que foi aluno do Professor Sacarrão, ficcionaliza uma conversa bem-humorada com o Professor, enquanto nos apresenta as origens e a evolução da espécie humana. Principia por uma análise da linguagem na investigação científica, sobre o «uso e abuso das metáforas em biologia» (p. 76), abusos que são também mencionados por Sacarrão no seu artigo que encontramos no final do volume (p. 279). Vicente prossegue com as críticas ao antropocentrismo (p. 77) e, em resposta, analisa a paleoantropologia reconstruindo

a história evolutiva dos *Hominini*, na qual se inserem os primatas. Também a par da evolução filogenética, Vicente discute a evolução ontogenética, especificando-se no tema da neotenia (p. 104), propondo hipóteses para o prolongado desenvolvimento do ser humano (p. 105), uma característica tão importante na espécie humana que Adolf Portmann (mestre do Professor Sacarrão) afirmou que o recém-nascido humano era como um «feto extra-uterino» (p. 107).

O conceito de «feto extra-uterino» é discutido por António Bracinha Vieira («Origem e Evolução da Linguagem: Dados e Hipóteses», pp. 127-146), revelando que a neotenia, que provoca uma plasticidade cerebral, é a razão da possibilidade de cultura, regredindo no ser humano «muitos dos comportamentos inatos programados» (p. 128). Partindo deste ponto, Bracinha Vieira debruça-se sobre a linguagem verbal, característica que acompanha o desenvolvimento da inteligência social (p. 131), defendendo, assim, que a origem e o desenvolvimento linguístico deve ser «procurado no campo da sociabilidade» (p. 132). Mas não só, a linguagem acompanhou o desenvolvimento da tecnologia, como o fabrico e uso de instrumentos (p. 135), como também da fisiologia, pois é necessário um aparelho fonador. Vieira termina interrogando-se a questão: «o que é o homem?», questão que deixa em aberto.

Nathalie Gontier («Teorias sobre a Evolução da Linguagem: Uma Análise das Pressões Seletivas Que se Pensa Poderem Estar na Origem da Linguagem», pp. 147-171) discute também a origem e desenvolvimento da linguagem, apresentando várias perspetivas sobre a questão: «para quê evoluiu a linguagem» (p. 149). Das cinco razões apontadas, fazem parte a razão política, pelo uso de ferramentas, a razão maquiavélica, devido à comunicação social, a razão social, pelo altruísmo, a razão cultural, pelos ritos e rituais, e a razão simbólica, pela nomeação de objetos. Mas conclui que, apesar de a melhor hipótese ser a integração destas cinco razões evolutivas, deve ser acrescentada a pergunta: «como desenvolveu a linguagem?», na qual os «investigadores se deveriam focar» (p. 166).

A segunda parte do livro, dedicada a «O Homem Entre Biologia e Cultura», inclui também 4 artigos.

Jorge Rocha e Margarida Coelho em «As mudanças Culturais Podem Influenciar a Nossa Biologia? O Exemplo da Digestão da Lactose» (pp. 175-195) apresentam um caso concreto da influência da cultura na genética humana. Sendo o ser humano mamífero, a ingestão de leite acontece nos primeiros tempos de vida, na amamentação, sendo que depois desse período, a ingestão de leite se torna rara, deixando a enzima lactase de atuar na sepa-

ração da glucose e da galactose (p. 176), ou seja, o ser humano torna-se intolerante. Porém, ao longo da evolução o ser humano tem-se tornado tolerante e, para o explicar, os autores defendem a denominada «hipótese histórico-cultural» (p. 180), pois não ocorreu apenas a pressão seletiva criada pela pastorícia (p. 180), mas, também ocorreu o hábito cultural de digerir leite (193), concluindo que a cultura não «poupou a nossa espécie às pressões seletivas» (p.175), mas propiciou essas pressões.

A propósito da relação da Ética com a Ciência, Augusto Gaspar («Como a Evolução Elucida a Ética: de Anjos e Demónios, à Empatia entre “Nós” e os “Outros”», pp. 197-218), avalia como os progressos na Biologia têm sido interpretados pela Ética, afirmando que a Ética tem sido rígida e lenta perante as novas descobertas, e tem sido transmitida de forma deslocada nos *media*, resultando que «ainda existem grupos na sociedade que não estão a beneficiar dela como poderiam» (p. 200). Assim surgiu o especismo, que Peter Singer refutou, mas a sua solução pela filogenia é substituída, segundo o autor, pelo «individualismo moral» proposto por James Rachels, uma ética de «igualdade de tratamento para indivíduos nas mesmas circunstâncias e com características relevantes partilhadas» (p. 215).

André Levy e Vitor C. Almeida («A Evolução do Comportamento Humano», pp. 219-240) analisam os estudos sobre o comportamento humano por parte dos filósofos e cientistas, relacionando a ciência com a ideologia, e como esta foi usada na Índia antiga para fundamentar a desigualdade da população humana (p. 232). Discutem também a pseudociência, com exemplos do «macaco nu» de Desmond Morris, que visa o grande público com «versões da natureza humana com supostas bases biológicas» (p. 233), alertando, assim, para as incertezas da reconstrução histórica da espécie humana (p. 236). Em conclusão, apelam a uma seriedade dos investigadores para compreenderem a singularidade e a vida mental e social do ser humano (p. 239).

Também Maria Manuel Araújo Jorge («Inato versus Adquirido / Natura versus Cultura», 241-266) retoma a discussão da «má ciência» e das interpretações éticas parciais. A constante tendência de distinguir raças humanas e a supremacia de umas em relação às outras levou ao projeto eugenista (p. 244) culminando no nazismo (p. 246). A discussão de Maria Manuel Jorge chama a atenção para a perigosidade de transformar sentenças científicas em sentenças éticas, como os autores acima já haviam discutido, precedendo assim a sua conclusão, a argumentação de G. Steiner: «há certas portas imediatamente à frente da investigação que estão assinaladas como demasiado perigosas para abrir» (p. 265).

O livro termina com a publicação póstuma de um estudo do Professor Germano da Fonseca Sacarrão («Determinismo Biológico e Flexibilidade Humana», pp. 267-279), autor homenageado com este volume e académico que se destacou pelos seus estudos em Zoologia e Antropologia. Defende um ponto que é comum a todos os autores mencionados: «os organismos são simultaneamente causa e efeito do seu ambiente» (p. 271), no entanto, retoma a ideia de que «O homem é um animal especial» (p. 273), criticando o mito da neutralidade da ciência (p. 276) e o perigo de usar a ciência para fins opressivos, sendo disso exemplo que «o darwinismo vulgar e o genéticismo grosseiro passaram a ser fortes esteios da sociedade burguesa» (p. 277). Sacarrão conclui que o debate sobre o determinismo no ser humano encontra um campo infértil, visto que «as nossas escolhas não estão programadas nos nossos genes ou em rígidos condicionalismos exteriores inculcados na infância, de que não seja possível libertarmo-nos» (p. 279).

A leitura deste importante conjunto de estudos despertará seguramente uma maior curiosidade pela história natural do Homem, discutindo e trazendo argumentos sobre o quanto os antecedentes biológicos, desde há milhões de anos, influenciam e conformam os comportamentos e a cultura.

Manuel Da Cruz  
(Mestrando em Filosofia. Faculdade de Letras  
da Universidade do Porto)